

CIDADES FRACTAIS: A ILHA DA MAGIA E SEUS ALQUIMISTAS*

...jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve (Italo Calvino)

Hoyêdo Nunes Lins ¹

Resumo: a Ilha de Santa Catarina, onde fica a maior parte do Município de Florianópolis, costuma ter reverenciados atributos como diversidade de condições para turismo e elevada qualidade de vida. Partindo disso, este artigo aborda processos recentes da socioeconomia local, vinculados a turismo e *software*, e explora alguns de seus reflexos no espaço urbano insular. Também se perscruta a cidade exterior às imagens simbólicas, estranha às estratégias de *marketing* e desconsiderada nos grandes projetos. Conclui-se que o mesmo ambiente inspirador de celebrações entusiasmadas abriga a consolidação de uma realidade em quase nada distinta daquelas observadas em tecidos urbanos problemáticos do Brasil.

Palavras-chave: Ilha de Santa Catarina, *marketing* urbano, cidade fractal

Abstract: *the Island of Santa Catarina, basis of most of the Município de Florianópolis, is praised for its diversity of conditions for tourism and its quality of life. Starting from that, this article focuses upon local processes concerning tourism and software development and highlights some of their effects on the urban space. It also looks at the city outside the symbolic images, strange to the marketing strategies and absent from big projects. It is concluded that the same environment that inspires enthusiastic celebrations shows the consolidation of a reality practically identical to those observed in problematic urban areas of Brazil.*

Keywords: *Island of Santa Catarina, urban marketing, fractal city*

JEL: R11, O18

* Versão modificada de artigo apresentado no XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (XIII ENANPUR), realizado em Florianópolis em maio de 2009.

¹ Professor Titular do Departamento de Ciências Econômicas e docente do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: hnlins@cse.ufsc.br

Recebido em 21/09/2010. Liberado para publicação em 28/12/2010.

Introdução

Representando em termos territoriais quase a totalidade do Município de Florianópolis, a Ilha de Santa Catarina tem sido repetidamente aludida com imagens de verdadeira sublimação. Recentemente, foi objeto de reportagem em jornal britânico na qual mereceu o qualificativo de “St. Tropez da América do Sul” (ROGERS, 2006), e pouco antes fora considerada, nos Estados Unidos, uma espécie de “resposta de Santa Catarina a Cancún” (GOMELSKY, 2004). Essas indicações representam o alargamento (melhor dizer a internacionalização) de um horizonte apreciativo que no começo dos anos 1990 registrava a divulgação, em todo o país, do que era considerado “a estrela do verão brasileiro” (FABRIS, 1993:1). Tal exaltação estaria a confirmar impressões como a que, décadas atrás, estimulou Carneiro (1964:16) a assinalar que a contemplação da Ilha “produz sempre uma sensação de deslumbramento”.

Essas imagens se escoram na avaliação dos atributos que subjazem à consolidação desse local como destino de fluxos turísticos. Baseiam-se, antes de tudo, na apreciação da sua estrutura paisagística e natural, que inclui numerosas praias aptas, no conjunto, para variados tipos de uso. Mas o simbolismo incrustado nas análises ultrapassa a convicção de que na Ilha se conjugam sedutores atrativos para lazer e entretenimento. Uma qualidade de vida pretensamente mais elevada, em termos comparativos, é aspecto sempre salientado. Por exemplo, revista de circulação nacional designou Florianópolis como a “Flórida brasileira” (SILVA, 2003), aludindo à magnetização que a cidade exerceria junto a contingentes aposentados oriundos principalmente de Rio Grande do Sul e São Paulo.

Alguns movimentos no âmbito da economia também causaram impressão. Matéria dedicada às iniciativas de desenvolvimento de *software* no Brasil, publicada no estadunidense *The Atlantic* em meados da década de 1990, noticiou que o país cultivava nada menos que “um tipo de Silicon Valley – a cidade de Florianópolis, espécie de ilha *resort* na costa do sulino Estado de Santa Catarina” (FALLOWS, 1994).

St. Tropez, Cancún, Flórida, “Silicon Island”: associações que inculcam no imaginário uma condição local quase paradisíaca e dissonante do padrão urbano brasileiro. O intenso emprego da expressão “Ilha da Magia” no *marketing* turístico representa estratégia que aproveita e explora esse “capital simbólico” e contribui para ampliá-lo. Na base está a implícita evocação de uma atmosfera lúdica e fascinante que manifestações artísticas como as da

produção literária geralmente tendem a vincular à condição de insularidade. No caso em foco, a fórmula certamente se inspira no que Franklin Cascaes referiu como “mito-magia” ou universo fantástico da Ilha (CASCAES, 1979), vinculados a uma história local entre cujos movimentos sobressai a instalação de milhares de colonos açorianos no século XVIII.

Este artigo tem um duplo foco. De um lado, explora processos recentes da socioeconomia de Florianópolis, sublinhando os reflexos na configuração do espaço urbano; a ênfase recai nos dois setores antes destacados: turismo e *software*. De outro lado, perscruta a Florianópolis exterior às imagens simbólicas, voltando-se à cidade “forasteira”, estranha às estratégias de *marketing* e desconsiderada nos grandes projetos desenhados para a Ilha de Santa Catarina. O ponto de partida é a contextualização do tema, o que implica falar do papel econômico das cidades e da transformação contemporânea dos espaços urbanos, inclusive no Brasil.

1. A cidade e o urbano: economia, heterogeneidade, heterotopia

O desenvolvimento dos transportes e comunicações nas últimas décadas inspirou argumentos sobre a perda de importância da localização e das relações de proximidade para o desempenho econômico. As cidades, redutos das vantagens representadas pela aglomeração, tiveram questionada a sua relevância econômica, uma tendência reforçada pelo que parecia ser, nos anos 1980 e 1990, um preocupante declínio de importantes áreas urbanas em diferentes países (FAZEY, 1993).

Esse debate estimulou análises acadêmicas como a de Glaeser (1998) e, também, reportagens para públicos amplos em revistas de circulação mundial como a *The Economist* (TURN..., 1995). Em ambos os exemplos se rejeita a mencionada perda de importância, uma posição sintonizada com abordagens efetuadas em várias “escolas”, convergentes na reafirmação do caráter central das relações de proximidade e, por extensão, das cidades para o desempenho da economia. O leque abrange a chamada escola californiana, que salienta o papel da organização produtiva e dos custos de transação (STORPER; WALKER, 1989), e a escandinava, que acentua a aprendizagem coletiva e a inovação (MALMBERG; MASKELL, 1997). Inclui também a “Escola Francesa de Proximidade”, que enfatiza a governança (TORRE; GILLY, 2000), e ainda as análises sobre os “distritos italianos”, em que se realçam, entre outros aspectos, as instituições (BECATTINI, 1992).

Essa confluência analítica não surpreende, pois a importância econômica das cidades é um dado histórico. Não apenas o surgimento destas “abre as portas ao que chamamos *história*” (BRAUDEL, 1997:439 – itálico no original), como “qualquer cidade, seja ela qual for, é antes de tudo um mercado” (op cit., p.459). Todavia, o peso histórico efetivamente se revela quando a cidade deixa de ser só comercial e se torna industrial, processo que leva “à urbanização da sociedade, ao tecido urbano recobrando os restos da cidade anterior à indústria” (LEFEBVRE, 1970:23). Remy (1966), de sua parte, sublinha que, “entre atividade econômica e desenvolvimento urbano, existe uma *ligação estreita que se afirmou com a industrialização*” (p. 260 – itálico no original).

Tanto hoje quanto historicamente, o substrato dessa importância econômica liga-se ao significado das cidades quanto a aspectos como multiplicidade, diversidade e heterogeneidade. Potencializados pela proximidade geográfica, esses atributos outorgam aos negócios ganhos de escala e possibilidades para compartilhamentos e complementaridades (QUIGLEY, 1998), elementos que, como sugerido em vários estudos (p. ex., Feldman e Audretsch, 1999), figuram na base do desempenho inovativo das empresas quando estas participam de tecidos urbanos economicamente diversificados.

Esses traços das cidades – diversidade, heterogeneidade, multiplicidade, em espaços densamente povoados e com forte interações – fortalecem-se como aspectos da própria vida social na medida em que o processo de urbanização ganha velocidade e se aprofunda. Principalmente nos tecidos urbanos de maiores dimensões, esse movimento tende a generalizar perfis citadinos de múltiplos centros, talvez conferindo razão ao vaticínio de Ullman (1970) segundo o qual a “metrópole de hoje, e cada vez mais no futuro, não é só uma cidade, mas uma federação de centros gerais e especiais” (p. 19).

Processos desse tipo estariam a contribuir para reflexões sobre um urbanismo “pós-moderno” cujas análises acentuam aspectos como polarização social, diversidade (incluindo hibridização cultural) e fragmentação (implicando segregação), como sugerem Dear e Flusty (1998) em estudo sobre Los Angeles. Daí mostrar-se pertinente aplicar, nessas leituras sobre a cidade contemporânea, a expressão “heterotopia”, usada por Foucault (2001:416) para referir à existência de “espaços diferentes”, de “outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos”. Os sentidos de confronto e de marcado contraste

constituem traços essenciais da heterotopia, pois esta “tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (op cit., p.418).

Justaposição de vários espaços, contrastados e em confronto, é o que se observa nas cidades latinoamericanas no curso da urbanização do subcontinente, como sugere Castells (1983) no prólogo da edição para a América Latina do seu livro talvez mais conhecido. E no período atual, quando a lógica da globalização impõe-se indiscriminadamente como vetor de mudanças, as grandes cidades latinoamericanas exibem processos que incluem a “possível evolução rumo a uma (...) **cidade fractal**, em que um conjunto de fenômenos associados – como o aumento das desigualdades sociais, da segregação residencial, da delinquência, do conflito social etc. – marcariam de forma inexorável a paisagem social (...)” (MATTOS, 2002:7 – negrito no original). Cabe alusão, nesse contexto, à dupla origem etimológica do termo “fractal”: *fractus*, que significa *irregular*, e *frangere*, que significa *fraturar* (PENA, 2004).

O Brasil não destoa do movimento geral da urbanização latinoamericana, no que este tem de crescimento rápido e ligado à desestruturação de formas tradicionais de reprodução da força de trabalho no meio rural e, também, de geração de “cidades múltiplas” no seio dos espaços urbanos devido à grande heterogeneidade socioespacial (FARIA, 1991). É ilustrativo dessa heterotopia o teor de uma matéria da revista *CartaCapital* sobre a coexistência, no Município de São Paulo, de uma tribo indígena (aldeia Krukutu, onde se fala guarani, no distrito de Parelheiros) e de uma localidade como Vila Nova Conceição (distrito de Moema), “o mais valorizado bairro paulistano na atualidade, com imóveis até 40% mais caros do que a média” (MENEZES, 2002:15). Separadas por não mais de 40 km, as famílias de um lado e de outro registravam rendas médias mensais de R\$ 6,82 e R\$ 18.876, uma diferença de 2.768 vezes.

Todo o referido permite contextualizar a abordagem de qualquer realidade urbana. Portanto, representa marco para um discurso sobre Florianópolis nos moldes idealizados para este artigo.

2. Florianópolis e seu aglomerado: um retrato geral da socioeconomia

Florianópolis abriga pouco mais da metade da população do seu aglomerado – o Aglomerado Urbano de Florianópolis (AUF), formado

também por Biguaçu, Palhoça e São José –, e é área de residência para 13,1% da população de Santa Catarina. Isso espelha trajetória de veloz expansão no número desses habitantes: a população estadual dobrou entre 1970 e 2007, mas no AUF o crescimento foi de 3,5 vezes (Tabela 1). Tal situação reflete dinamismo migratório que permitiu ao AUF ombrear-se em capacidade de atração com diversas cidades brasileiras de porte médio. Mas, diferentemente de muitas destas, a movimentação demográfica local decorre de opção não vinculada a qualquer especificidade produtiva, podendo-se aplicar-lhe uma das conclusões de Oliveira (2006) sobre o crescimento urbano brasileiro nos anos 1990: “Cidades com maior renda e qualidade de vida em 1991 foram as que mais cresceram” (p. 448).

A abrangência dessas migrações tem escopo amplo, pois trata-se de contingentes oriundos tanto de outros estados como de municípios catarinenses que “expelem” força de trabalho. A região serrana e porções do oeste e do meio-oeste são destaques no segundo grupo (MIOTO, 2008), gerando fluxos em que despontam deslocamentos de jovens para o litoral de Santa Catarina. Sobre os que migram desde outros estados, o realce da sedução local costuma destacar, além dos movimentos de aposentados, a fixação de “famílias de alto padrão de renda vindas de fora e em que o marido viaja para São Paulo ou para o Rio a fim de trabalhar durante a semana e volta para casa na sexta-feira” (SILVA, 2003:88).

Tabela 1 – Aglomerado Urbano de Florianópolis (AUF): evolução da população residente

Anos	Biguaçu	Florianópolis	Palhoça	São José	AUF	Santa Catarina
1970	15.337	138.337	20.652	42.535	216.861	2.901.734
1980	21.441	187.88	38.023	87.822	335.166	3.627.933
1991	34.639	258.383	68.564	132.208	493.794	4.541.994
1996	40.047	271.281	81.176	151.024	543.528	4.875.244
2000	48.077	342.315	102.742	173.559	666.693	5.356.360
2007	53.499	396.723	122.471	196.887	769.58	5.868.014

Fonte: IBGE. Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991, 2000; IBGE. Contagens Populacionais 1996.2007.

A distribuição dos novos moradores no AUF é presidida pelas condições que regem o mercado imobiliário. Na Ilha, localizações externas às comunidades de baixa renda são prerrogativa dos estratos de maior poder aquisitivo. As engrenagens daquele mercado – com tendência à construção de imóveis caros e escalada nos preços dos terrenos na Ilha –, ligadas à ação do poder público – tendente a privilegiar áreas nobres na oferta de infraestrutura e serviços urbanos, afetando os preços –, com pano de fundo de “valorização” das propriedades pela própria condição insular, eliminam as chances dos contingentes pobres fora dos ambientes de risco. Assim, quando não se inserem nas áreas carentes da Ilha, esses grupos demandam os municípios vizinhos, o que ajuda a explicar o crescimento de São José nos anos 1970 e de Biguaçu e Palhoça posteriormente.

Basta aludir a essa dinâmica recente na conformação do espaço urbano para indicar que no AUF as situações municipais se entrelaçam e se influenciam reciprocamente. Cada município é segmento de um *continuum* urbano cujas fronteiras internas são apenas institucionais.

3. Município de Florianópolis: dois destaques da estrutura econômica

A importância das atividades terciárias no Município de Florianópolis transparece na estrutura do emprego, como captado pela Relação Anual das Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego. Dados para 2006 mostram que as atividades primárias, extrativas e da indústria de transformação mal superam 3% do total do emprego, e que não muito menos de 2/3 distribui-se entre administração pública, defesa e seguridade social (34,5%), comércio atacadista e varejista e de reparação (15,9%) e serviços prestados às empresas (12,5%). Merecem também realce as atividades de alojamento e alimentação (7,8%), as associativas, recreativas, culturais e desportivas (4,3%) e as de transportes (e anexas) e de apoio, incluindo as das agências de viagem (3,4%). Esse conjunto representa mais de 78% dos quase 318 mil empregos repertoriados pela RAIS em Florianópolis em 2006 (Tabela 2).

Nesse perfil irrevogavelmente terciário, os serviços figuram em primeiro plano. Todavia, essa indicação passa ao largo de importantes trajetórias setoriais não limitadas aos serviços. Impõe essa consideração o cultivo de moluscos – no essencial, ostras e mexilhões –, uma atividade cujo desenvolvimento escorou-se em parcerias institucionais e incidiu em várias

localidades da Ilha de Santa Catarina e do continente próximo, abrindo possibilidades para numerosas famílias.

Tabela 2 – Empregos por tipos de atividades em Florianópolis – 1997 e 2006

Atividades	Empregos em 1997	Empregos em 2006
Atividades primárias	2.073	1.16
Pesca, aquicultura e serviços relacionados	226	628
Atividades extrativas	81	75
Indústria de transformação	4.295	8.606
Alimentos e bebidas	606	1.869
Fabricação têxtil	545	162
Confecção de vestuário	450	507
Edição, impressão, reprodução	1.172	1.898
Fabricação de máquinas e equipamentos	84	630
Fabricação de material eletrônico, aparelhos de comunicações	47	767
Móveis e indústrias diversas	209	485
Construção	4.112	8.074
Eletricidade, gás, água	3.951	1.927
Comércio atacadista e varejista; reparação	16.105	50.669
Alojamento e alimentação	5.958	24.895
Transporte e atividades anexas (inclui agências de viagem)	4.251	10727
Correio e comunicações	3.032	2.529
Finanças, seguros, previdência complementar	5.887	7.005
Atividades imobiliárias	3.441	9.21
Aluguel de veículos e máquinas e de equipam. s/ condutores	288	1.495
Atividades de informática e serviços relacionados	3171	8.761
Pesquisa e desenvolvimento	145	946
Serviços prestados principalmente às empresas	10.909	39.709
Administração pública, defesa e seguridade	73.668	109.624
Educação	3.696	8.693
Saúde e serviços sociais	3.836	6.9
Limpeza urbana e esgoto e atividades ligadas	31	1.935
Atividades associativas, recreativas, culturais e desportivas	5.879	13.581
Serviços pessoais e domésticos	678	1.45
Outros (inclui reciclagem); não informado; ignorado	1.173	13
Total	156.325	317.974

Obs.: A classificação de atividades utilizada como base é DIV CNAE 95; algumas atividades foram mescladas para a elaboração da tabela

Fonte: RAIS 1997 e 2006

Essa expansão representa contraponto ao definhamento das atividades primárias em geral, um declínio comprometedor de realidade – o mundo rural da Ilha de Santa Catarina – que já em meados da década de 1990 apresentava-se como uma mera reminiscência (LÜCKMAN, 1995). A redução dos empregos, de 1.847 em 1997 para 532 em 2006 (números obtidos pela subtração dos contingentes em “pesca, aquicultura e serviços relacionados” do total em “atividades primárias”, na tabela 3), nas atividades agrícolas e de pecuária, sugere que esse mundo rural sofreu forte encolhimento desde então, tendendo ao desaparecimento.

Entretanto, são dois segmentos do grupo dos serviços que exibem grande destaque nas últimas décadas, fazendo Florianópolis figurar como destino de investimentos que afetam a paisagem urbana: turismo e desenvolvimento de *software*.

3.1. Florianópolis turística

Florianópolis, a Ilha de Santa Catarina em primeiro lugar, apresenta forte envolvimento com o setor de turismo. A estrutura local de hospedagem e alimentação possui numerosas empresas, em diferentes localidades, que permitem variadas opções de pernoite e alimentação, e as atividades de apoio incluem agências de viagem e turismo e iniciativas voltadas à vida noturna e ao lazer. Quanto às instituições, cabe destacar a Santa Catarina Turismo S.A. (SANTUR) e o Florianópolis *Convention & Visitors Bureau*, assim como o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares e as atividades de formação técnica e superior em turismo. Tudo somado, observa-se constelação de agentes e atividades cujo centro de gravidade é o turismo, um conjunto que ganhou corpo à medida que a base natural da área ampliou o seu arco de atração sobre diversos mercados emissores, no Brasil e no exterior.

Essa trajetória haverá de se fortalecer a partir da grande exposição vivenciada por Santa Catarina com a realização em Florianópolis, em maio de 2009, da 9ª Conferência Global de Viagens e Turismo, promovida pelo *World Travel & Tourism Council* (WTTC) em parceria com o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), o Ministério do Turismo e o governo estadual.

O caminho trilhado localmente por esse setor repercutiu em termos de empregos. O crescimento das atividades de alojamento e alimentação, que atingiu 79% na quantidade de estabelecimentos entre meados dos anos 1990 e meados da década de 2000, explica o comportamento dos empregos vinculados, cujo número mais que triplicou entre 1997 e 2006, passando de

5.958 para 24.895, conforme a tabela 3. Como o trabalho nesse setor apresenta elevada informalidade, e como a RAIS só expressa as relações formais, vale deduzir que a realidade do trabalho turístico em Florianópolis é muito mais abrangente do que indicam aqueles dados.

Essa trajetória é vetor de transformação na Ilha de Santa Catarina, enfeixando-se em movimento geral de expansão urbana que envolve mais do que o turismo. Isso é visível em lugares que, até há poucas décadas simples vilarejos litorâneos, viraram espaços urbanizados quase autossuficientes (Canasvieiras, Ingleses, Lagoa da Conceição). O mesmo pode ser dito sobre localidades onde, sem qualquer ocupação anterior, instalou-se uma rápida urbanização (Jurerê Internacional, Praia Brava). Esses movimentos referem-se aos balneários das costas leste e norte da Ilha de Santa Catarina, com efeitos em termos de modelagem de uma “paisagem” urbana e turística bastante diferenciada entre as porções norte e sul do território insular.

Como se falou, a atratividade local reside na qualidade dos recursos naturais, principalmente as praias. Portanto, comprometer a balneabilidade significa ameaçar o turismo, além da qualidade de vida da população. Apesar disso, o monitoramento das águas litorâneas indica que algumas das principais praias têm pontos onde a concentração de dejetos supera de longe o nível de “apropriado para banho”, algo verificado mesmo em localidades centrais no *marketing* turístico. A Lagoa da Conceição é o principal exemplo, mas o problema tem sido observado também em outras praias. Essa questão é recorrente, pelo que indicam manchetes de quase vinte anos atrás (ESGOTO..., 1991), algo revelador da incapacidade do sistema local para agir sobre um aspecto básico da sua realidade turística (LINS, 2007).

3.2. Florianópolis tecnológica

Florianópolis é uma das três cidades onde a indústria de alta tecnologia exhibe grande destaque em Santa Catarina (as outras são Blumenau e Joinville). Suas empresas atuam em vários dos correspondentes segmentos, mas é em *software* – principalmente para gestão administrativa, administração industrial e automação comercial, assim como em soluções para internet – que a maioria marca presença efetivamente. Esse tecido empresarial interage com tecido institucional que registra funções de coordenação e de ensino e pesquisa, assim como incubação de empresas, podendo o conjunto ser considerado um aglomerado, o qual, a julgar pelos dados da RAIS, possui vitalidade: como exibido na tabela 3, em 2006 alcançava 8.761 o número de

empregos no item “atividades de informática e serviços relacionados”, quase o triplo do que existia em 1997. Essa evolução corresponde a crescimento dos estabelecimentos que representa a duplicação da sua quantidade nesse período.

Observe-se que esses números se referem à etapa recente de uma trajetória que remonta à década de 1960, quando foi criada a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e que recebeu impulso desde os anos 1970, com a instalação da Eletrosul Centrais Elétricas S.A. e da antiga Telecomunicações de Santa Catarina S.A. (TELESC). De fato, as primeiras empresas de alta tecnologia de Florianópolis foram criadas por ex-quadros técnicos dessas empresas estatais, aposentados ou desligados por conta de problemas (como na Eletrosul, cf. Vogel, 1991) ou devido à privatização (como na TELESC).

A expansão ganhou força com a transferência total ou parcial de empresas desde outros estados, refletindo opção por Florianópolis (XAVIER, 1991). Entre os principais fatores figurou a oferta local de recursos humanos, algo que impõe considerar o papel desempenhado pela UFSC: por exemplo, a *Navita* (que desenvolve soluções de tecnologia da informação), indicou que a sua transferência foi influenciada pela “proximidade com a Universidade Federal de Santa Catarina, um dos grandes centros de formação de mão de obra” (NAVITA..., 2003).

Entretanto, estaria a limitar-se a esse fator a principal vantagem da aglomeração. As relações cooperativas, salientadas na literatura como cruciais nesses ambientes, mostram-se episódicas e rarefeitas em Florianópolis (CAMPOS; NICOLAU, 1996). Essa problemática é cara ao debate sobre aglomerações produtivas e sobre o papel econômico das cidades: como esboçado anteriormente, tecidos urbanos exibem importância econômica devido a aspectos como multiplicidade e diversidade, fontes de compartilhamentos e complementaridades. Ora, tais aspectos parecem ter escassa presença na indústria local de alta tecnologia. Mesmo assim, a trajetória observada, com transferências de empresas desde outras localizações, sugere que esse espaço urbano representa vantagens às atividades, o que não deixa de espelhar a presença de várias instituições, sobretudo incubadoras de grande porte e estruturas de coordenação e representação. Em si, esse traço evoca a presença de externalidades e acena com interações aptas a agregar “proximidade organizacional” à proximidade geográfica.

Daí, talvez, a permanente exaltação dessa indústria em Florianópolis, sem que, todavia, se percama de vista os problemas existentes, entre eles a carência de espaços adequados para instalação das empresas na Ilha de Santa Catarina em virtude dos altos preços praticados no mercado imobiliário (DAL-BÓ, 2008). É sugestivo que, no final da década de 2000, um dos maiores projetos desenhados para a Ilha de Santa Catarina refira-se ao Sapiens Parque, cujas primeiras unidades tiveram os seus editais para construção lançados em agosto de 2008. Trata-se de megaprojeto, localizado no Distrito de Canasvieiras, no norte da Ilha, “que pretende abrigar empresas de tecnologia, pesquisa, desenvolvimento e serviços empresariais. (...) O propósito dos prédios (...) é receber empresas de tecnologia ou serviços empresariais. (...) A Sapiens entra com o terreno, e o empreendedor, com recursos financeiros para construir o prédio, sendo que a Sapiens fica com uma participação acionária do negócio.” (KAFRUNI, 2008:20).

Palavras como “inovação” e “conhecimento” pontuam as manifestações oficiais sobre essa iniciativa. Estimam-se investimentos privados da ordem de R\$ 15 milhões na primeira fase, sendo que, ao final de processo que se desdobrará por vinte anos em área de 4,5 milhões de m², “deverão estar trabalhando no Sapiens Parque 10 mil pessoas entre tecnólogos e engenheiros, além de outros 20 mil empregos diretos” (ibid.).

4. Uma cidade talvez turística e tecnológica, mas certamente fractal

As providências em torno do Sapiens Parque, com as expectativas sobre os reflexos na economia, são coerentes com visão sobre o futuro de Florianópolis esposada em meios empresariais e políticos locais. Já no início dos anos 1990, relatório do jornal *Gazeta Mercantil* sobre o município evidenciava convergência de posições entre representantes de vários grupos de agentes sobre o caráter estratégico dos investimentos em tecnologia e turismo, referidos como setores entrelaçados (FLORIANÓPOLIS, 1993). Uma cidade a um só tempo tecnológica e turística é como, nas últimas décadas, Florianópolis se apresenta (ou deveria se apresentar) aos olhos de não poucos atores sociais com capacidade de expressão.

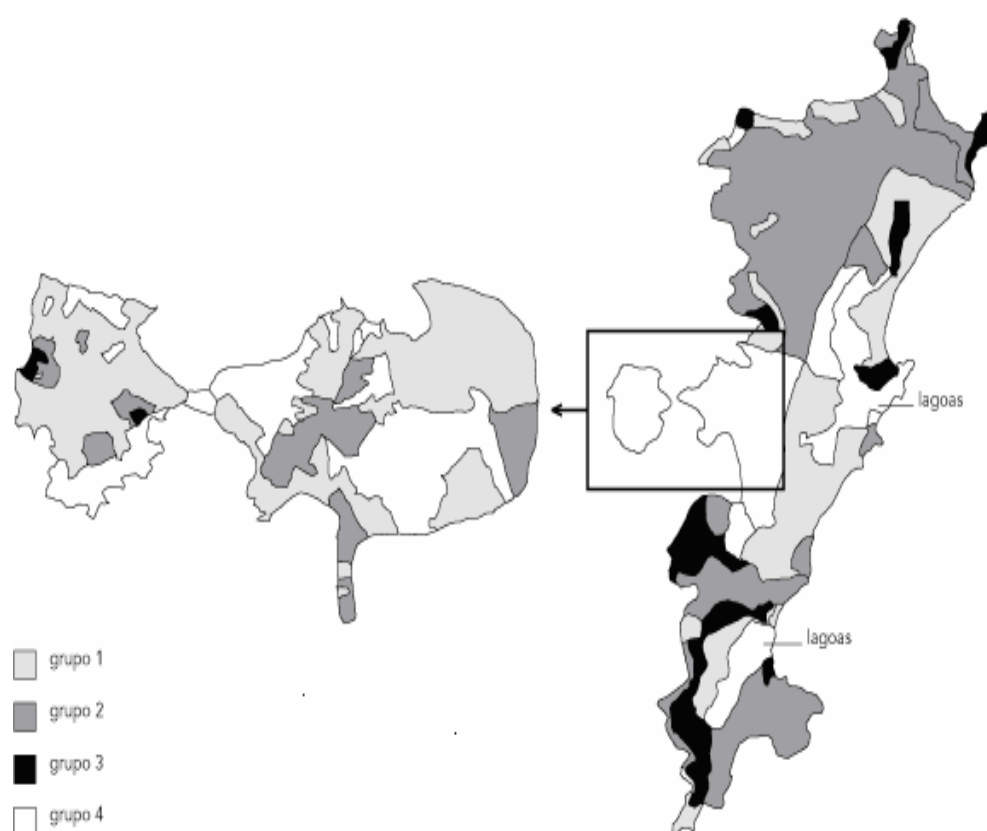
O Sapiens Parque estaria a espelhar uma ideia de cidade cujo paradigma refere-se às experiências urbanas que, sustentadas por planejamento dito estratégico, conseguem atrair investidores no embate concorrencial com outras cidades (BORJA, 1996). O campo analítico, com repercussões no planejamento e na gestão, é o das cidades competitivas,

proeminente em termos internacionais na década de 1990, como indicado em número temático da revista *Urban Studies* publicado em 1999 (cf. texto introdutório de Lever e Turok, 1999). Aspecto central dessa visão de cidade é que a busca da competitividade escora-se em esforços – públicos ou patrocinados e amparados nessa esfera – enfeixados em *marketing urbano* que põe em relevo a cidade “vendável” e deixa de lado a cidade exterior às imagens simbólicas.

Tal “venda” parece bem sucedida em Florianópolis, pois uma proporção alta dos clientes das imobiliárias em atividade na Ilha de Santa Catarina origina-se em outros estados ou outras regiões catarinenses (WILKE, 2001). Geralmente interessados em localizações em balneários, tais contingentes exibem um elevado poder aquisitivo, de magnitude sugerida pelo fato de diferentes empresas privilegiarem os imóveis de alto padrão, construídos em locais muito valorizados como a Lagoa da Conceição (VANIN, 2001).

Ora, é claro que essa cidade, tida como tecnológica e turística, e particularmente como “vendável” – louvada em *marketing urbano* que exercita a simbologia de um quase reduto de exceção na paisagem urbana nacional –, não corresponde à totalidade de Florianópolis. Esse município já despontou em nível de país pelo seu Índice de Desenvolvimento Humano (QUALIDADE..., 1998), mas a regra da forte diferenciação interna das condições de vida não deixa de marcar presença. Merece destaque que as desigualdades ganharam intensidade recentemente, pois o percurso de crescimento, na forma assinalada, só fez intensificar o caráter fractal desse espaço urbano.

Auxilia essa percepção, de uma parte, o estudo de Lacerda, Calvo e Freitas (2002), baseado no Censo Populacional de 1991, que identifica e agrupa os setores censitários com “homogeneidade” de condições de vida. A figura 1 indica as variáveis utilizadas e revela a configuração espacial resultante da análise. Na região central do município era forte a incidência dos grupos de setores censitários com as melhores condições (Grupos 1 e 4), representando mais da metade da população, mas também setores de condições medianas (Grupo 2) eram observados. A parte continental apresentava características positivas, porém tinha bolsões com situação mediana e com situação negativa extrema (esta referindo-se ao Grupo 3). No norte da Ilha, áreas predominantemente medianas mostravam-se crivadas de ambientes em boas condições e em piores condições. No leste, predominavam os setores em boa situação, embora parte da população residisse em locais



Grupo 1

Alta presença de abastecimento público de água, esgotamento sanitário adequado e coleta regular de lixo; alta presença de escolaridade elevada e de chefes de família com renda média; baixa presença de analfabetos.

Grupo 2

Mediana presença de abastecimento público de água e de esgotamento sanitário adequado; mediana presença de analfabetos e de escolaridade alta.

Grupo 3

Baixa presença de coleta de lixo; alta presença de analfabetos e de escolaridade baixa; baixa presença de escolaridade elevada; alta presença de chefes de família com renda baixa

Grupo 4

Baixa presença de escolaridade baixa e de famílias com renda baixa; alta presença de chefes de família com renda alta

Fonte: Lacerda; Calvo; Freitas (2002), com adaptação pelo autor

Figura 1 – Florianópolis: localização de grupos de setores censitários “homogêneos” quanto às condições de vida, conforme o Censo de 1991

com traços muito negativos. No sul, ao lado de uma maioria de setores com condições apenas medianas, chamava a atenção o número dos que amargavam as situações mais adversas.

De outra parte, são fortes os indícios de que o quadro social sofreu deterioração nos anos 1990 e 2000. Os dados sobre Áreas de Interesse Social (AIS) – designação institucional para comunidades carentes, via de regra caracterizadas pela ocupação irregular – disponibilizados pela Secretaria de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, sugerem que no período recente houve agravamento do assinalado caráter fractal na Ilha de Santa Catarina. Em meados dos anos 2000, Florianópolis possuía 58 AIS, 60% das quais nas áreas central e continental do município (HABITAÇÃO, 2006). Ainda mais eloquente é que, como indica a tabela 3, a proporção dos contingentes nessas comunidades tenha crescido de um patamar de 9% da população total, no fim da década de 1980, para cerca de 16% na primeira metade dos anos 2000, na esteira de uma duplicação da quantidade de AIS.

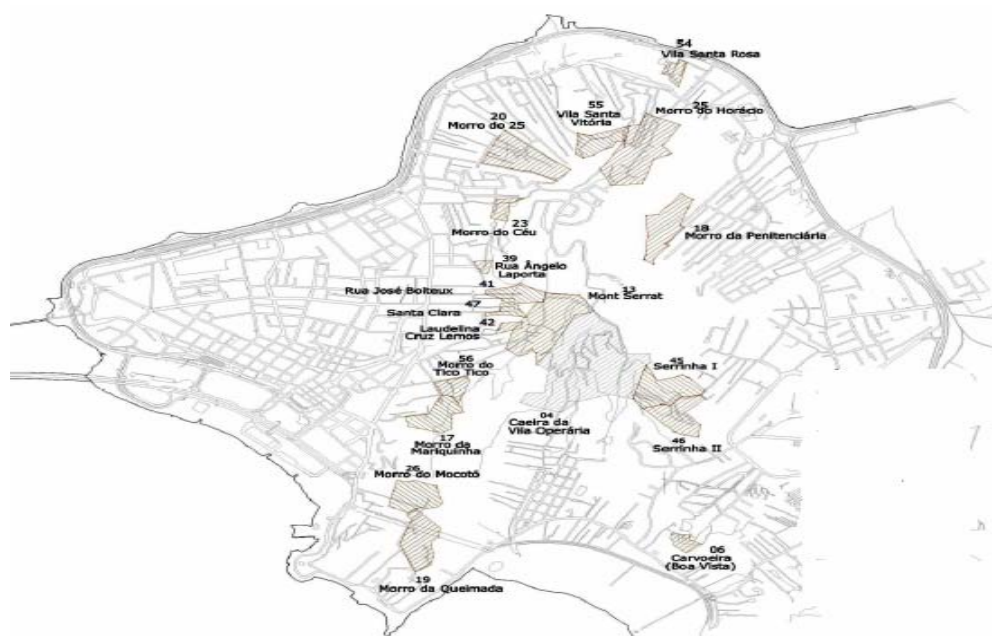
Tabela 3 – Expansão das Áreas de Interesse Social (AIS) no Município de Florianópolis – 1987-2004

Ano	População total (A)	População em AIS		Nº de AIS
		Total (B)	(B)/(A)*100	
1987	228.246	21.393	9,4	29
1992	254.941	32.29	12,7	42
1996	271.281	40.283	14,8	46
2000	331.784	54.34	16,4	55
2004	386.913	61.445	15,9	58

Fonte: elaborado pelo autor com base em Habitação (2006)

Na região central do município, a situação dos setores censitários em condições menos favoráveis certamente piorou desde o Censo de 1991. O aludido estudo da Prefeitura Municipal de Florianópolis mostra que, da população vivendo em AIS no ano de 2004, $\frac{3}{4}$ concentravam-se nas áreas central e continental, a primeira abrigando sozinha 42% desse contingente (HABITAÇÃO..., 2006). A porção central do município revela-se, desse modo, pontilhada de comunidades carentes, como mostra a figura 2.

Observe-se que no centro do município tais comunidades localizam-se principalmente no Maciço Central de Florianópolis, uma expressão que designa o conjunto de morros de orientação norte-sul que separa a porção mais central, situada em ponta insular projetada rumo ao continente, de bairros como Trindade e Saco dos Limões. Esses morros exibem ocupação cujas origens remontam ao início do século XX, sempre com famílias majoritariamente de baixa renda e às voltas com vários níveis de carências. Ao longo do tempo os focos iniciais se estenderam, formando manchas de ocupação não raro interrompidas por pequenos enclaves de residências de classe média (SCHEIBE et al., 2004). Porém, recentemente, as condições sociais agravaram-se ainda mais no Maciço, em associação com a caudalosa imigração de contingentes pobres para o Aglomerado Urbano de Florianópolis.



Fonte: Habitação (2006)

Figura 2 – Áreas de Interesse Social no centro de Florianópolis – 2004

Em processo que ganhou velocidade desde os anos 1990, novas áreas de ocupação surgiram no Maciço Central de Florianópolis. Um exemplo concerne à localidade do Alto da Caieira, que representa alastramento ocupacional pela multiplicação de barracos em locais cada vez mais íngremes e que impõem grandes riscos aos moradores. Pimenta e Pimenta (2004) assinalam que a maioria da população do Alto da Caieira é de famílias “expulsas” pela reestruturação produtiva na agroindústria do oeste do estado e nos setores que marcam a paisagem industrial do Vale do Itajaí, assim como pela escassez de possibilidades no planalto sul catarinense. A instalação desses contingentes nesse tipo de local traduz, além da busca de proximidade ao centro urbano principal, a absoluta impossibilidade de fixação em outras áreas devido ao preço do solo. A própria precariedade das políticas públicas, como as voltadas ao déficit habitacional da população de baixa renda, é também vetor de ocupação em locais desse tipo.

Sem que isto surpreenda, o quadro local é de enormes dificuldades, coerentes com níveis de renda familiar bastante baixos e que espelham situações muito precárias no tocante ao emprego. As condições habitacionais são deploráveis, carentes ao extremo quanto à infraestrutura urbana (coleta de lixo, esgotamento sanitário, pavimentação), e serviços públicos como educação, saúde e segurança são gritantemente insuficientes. A isso se somam as mazelas derivadas de uma criminalidade que só faz crescer, sintoma das reduzidas possibilidades com que se deparam os jovens.

Mas também no norte da Ilha o caráter fractal ganhou intensidade, pois a proliferação das áreas socialmente vulneráveis espalhou-se nessa direção: o mencionado estudo da Prefeitura de Florianópolis detectou a presença de sete comunidades carentes nessa área. Tal difusão constitui processo recente em Florianópolis e tem contribuído para remodelar a geografia da pobreza no município. Essa dinâmica parece associada, entre outras coisas, ao fervilhar turístico que no verão magnetiza contingentes necessitados em busca de ocupação e renda, geralmente em serviços de baixa remuneração: como as vinculadas oportunidades se contraem ou simplesmente desaparecem ao fim de cada temporada, atividades alternativas como a dos catadores de lixo acabam proliferando.

Uma favelização em condições de grande adversidade, como em áreas de dunas, é reflexo desses processos, algo tanto mais agressivo ao senso comum na medida em que o contexto imediato é o conjunto de balneários que cintilam no *marketing* turístico local. Tal circunstância impõe um distanciamento colossal entre condições vividas em espaços quase contíguos.

Subocupação, desemprego, rendimentos obscenamente baixos e ausência de infraestrutura urbana mínima – estando o conjunto perpassado por uma inquietante disseminação da criminalidade – marcam microcosmos locais que, não sem ironia, cravejam alguns dos principais cartões postais da Ilha, *pièces de résistance* do *marketing* turístico e ambientes de elevado consumo de lazer. E é isso que mais chama a atenção no norte da Ilha em relação à problemática deste artigo. Sua participação no mapa das Áreas de Interesse Social é amplamente superada pelas participações do sul da Ilha e de outros locais mais próximos à área central do município (para não falar da própria área central). Todavia, a ampliação dessas comunidades na porção setentrional da Ilha de Santa Catarina exacerba o contraste, ou o “aspecto fractal”, da dinâmica urbana em análise: perfilam-se lado a lado os ornamentos valorizados nas referências mercadológicas à *Ilha da Magia* e os traços da cidade “forasteira”, estranha às estratégias de *marketing* e aos grandes projetos.

São diversas as localidades no norte da Ilha onde campeia a vulnerabilidade social. Uma delas é a Vila União, formada (ao menos na origem) por famílias removidas das margens da Via Expressa que liga Florianópolis à BR-101 e alojadas em conjunto habitacional. Muito pior é a situação da Vila Arvoredo, pejorativamente referida como Favela do Siri, nas dunas da Praia dos Ingleses, um dos ícones do turismo ilhéu. Com mais de 160 famílias, a localidade amarga entre outras mazelas o avanço das dunas, um processo que nos últimos anos provocou o soterramento de algumas de suas ruas (WINCK, 2008). Mas o avanço da areia rumo aos casebres, a uma velocidade de quase sete metros por ano, é só uma das graves questões observadas. Gazzoni e Teixeira (2008) evidenciam quadro socioeconômico, ambiental e sanitário altamente problemático: a dramática falta de perspectivas é combustível certo para o crescimento da criminalidade, e a prática de captação clandestina de água, associada à multiplicação de fossas, afeta a saúde dos moradores e põe em risco o aquífero existente.

Considerações finais

Turismo e alta tecnologia representam importantes setores de atividades em Florianópolis e cintilam nas imagens construídas e disseminadas sobre a Ilha de Santa Catarina. A trajetória de ambos mostra-se indissociável dos atributos exibidos pela área, tendo contribuído, ao mesmo tempo, para fortalecer a atratividade destes. Esse processo não só conservou como, ao que parece, galvanizou a sedução de Florianópolis para

investimentos nesses dois setores. Assim, por exemplo, a ampliação da capacidade de hospedagem, simultaneamente resposta à dinamização turística e fator de engrossamento dos fluxos, envolveu, além de iniciativas autóctones, empresas de hotelaria de diferentes origens, algumas com bandeira internacional.

No mesmo diapasão, a instalação de empresas de alta tecnologia reflete nível de atração das condições locais que investimentos como os prometidos para o Sapiens Parque certamente haverão de intensificar. A noção *myrdaliana* de causação circular acumulativa (MYRDAL, 1968), que indica encadeamentos de causa e efeito pelos quais os efeitos de certas causas tornam-se causas de novos efeitos, em espiral crescente, auxilia a discernir os processos em questão. Do mesmo modo, as considerações sobre o papel econômico das cidades, apresentadas no início do artigo, referem-se a enquadramento teórico que se revela útil à reflexão sobre os movimentos em Florianópolis e sobre suas implicações e possibilidades.

Mas também representa chave de leitura sobre a experiência em questão o que se falou sobre diversidade, heterogeneidade e multiplicidade nos ambientes citadinos, no que esses traços autorizam o emprego do *foucaultiano* termo “heterotopia”. Com efeito, o mesmo tecido urbano que enseja manifestações de exaltação à qualidade de vida, abriga o silencioso e progressivo fortalecimento de uma realidade em quase nada distinta das que se observam em outras cidades, localizadas em diferentes estados e regiões. Como não poderia deixar de ser, na perspectiva adotada pelo artigo, o caráter fractal desse tecido urbano mereceu realce na abordagem efetuada. Frise-se que esse destaque significa um rechaço à ideia, presente em discursos locais e mesmo extralocais, de que a situação florianopolitana é uma exceção no quadro ultraproblemático que prevalece no meio urbano brasileiro.

Como se procurou assinalar, as lideranças empresariais e políticas locais têm buscado converter os atributos vinculados aos distintos patrimônios da Ilha de Santa Catarina – natural, histórico, cultural – em fontes de geração de riqueza. Pode-se considerar que, assim procedendo, tais lideranças operam segundo uma lógica que não deixa de evocar os alquimistas – precursores dos químicos modernos que na Idade Média e na Renascença buscavam o segredo para transformar metais comuns em metais preciosos. Particularmente no tocante ao turismo, e sem insinuar qualquer analogia entre a qualidade dos referidos patrimônios e o caráter “comum” dos metais que os alquimistas tentavam transformar, cabe indicar que o objetivo central dessas lideranças é promover a ampliação das possibilidades para investimentos. Patrimônios

tornados oportunidades de negócios, eis uma síntese adequada para o espírito que perpassa as investidas em curso. O debate sobre cidades competitivas e planejamento urbano estratégico, tangenciado anteriormente, representa marco teórico adequado para análises sobre esse tipo de realidade.

Que os “alquimistas” da *Ilha da Magia* possam estender o olhar para além do aspecto “oportunidade de negócios”, atuando na perspectiva de um desenvolvimento sustentável em termos socioambientais. Isso implica coibir os comportamentos deletérios aos patrimônios locais e zelar para que a distribuição dos benefícios esperados dos grandes projetos realizados em Florianópolis possa ser a maior possível. O Sapiens Parque certamente gerará empregos, mas é necessário agir em formação e capacitação profissional para que uma efetiva incorporação de contingentes locais às atividades correspondentes acabe ocorrendo. Também em relação ao turismo providências desse tipo seriam importantes: esse setor costuma ser referido como um destacado gerador de oportunidades de emprego e renda, mas não são poucos os diagnósticos que, sobretudo em países ou regiões externos às zonas centrais da economia mundial, evidenciam sub-remuneração e vínculos de trabalho bastante precários.

Referências Bibliográficas

BECATTINI, G. Le district marshallien: une notion socio-économique. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. (dirs.). **Les régions qui gagnent**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 35-55.

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, T. (org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 79-99.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. Volume 1: As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CAMPOS, R. R.; NICOLAU, J. A. Redes em C&T: a tentativa de criação do pólo de Florianópolis. **Texto para Discussão**, n. 5, Florianópolis: UFSC, Depto. de Economia, maio 1996.

CARNEIRO, C. M. Cem mil habitantes numa ilha sem recursos próprios. **O Estado de S. Paulo**, p. 16, 6 mar. 1964.

- CASCAES, F. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1979.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- DAL-BÓ, G. A Ilha do Silício. **Diário Catarinense**, p. 24-25, 16 nov. 2008.
- DEAR, M.; FLUSTY, S. Postmodern urbanism. **Annals of the Association of American Geographers**, 88(1), p. 50-72, 1998.
- ESGOTO afasta turista da Praia dos Ingleses. **Diário Catarinense**, Florianópolis, p. 7, 23 jan. 1991.
- FABRIS, V. A estrela do verão brasileiro. **Gazeta Mercantil – Relatório**, p. 1, 30 nov. 1993.
- FALLOWS, J. Consider Brazil. **The Atlantic online**. Obtido em: <www.theatlantic.com/unbound/jfnpr/jf40816.htm> . Acesso: ago. 2003.
- FARIA, V. E. “Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. **Novos Estudos**, 29 p. 98-119, mar. 1991.
- FAZEY, I. H. A Europa reage contra o declínio das cidades. **Gazeta Mercantil**, p. 14, 27 jul. 1993.
- FELDMAN, M. P.; AUDRETSCH, D. B. Innovation in cities: science-based diversity, specialization and localized competition. **European Economic Review**, 43, p. 409-429, 1999.
- FLORIANÓPOLIS. **Relatório da Gazeta Mercantil**, 30 nov. 1993.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422. (Ditos e escritos; III).
- GAZZONI, M.T.; TEIXEIRA, T. Chão de Areia: retrato social, político e ambiental da ocupação irregular das dunas dos Ingleses na Vila Arvoredo. IX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, Guarapuava, 29 a 31 maio 2008.
- GLAESER, E. L. Are cities dying? **Journal of Economic Perspectives**, 12(2), p. 139-160, Spr. 1998.
- GOMELSKY, V. Finding her Brazilian groove. **The New York Times**, 07 Nov. 2004. Disponível em <www.nytimes.com> Acesso em nov. 2004.
- HABITAÇÃO de Interesse Social. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental, dez. 2006.

- KAFRUNI, S. Condomínio tecnológico sai do papel. **Diário Catarinense**, p. 20, 22 ago. 2008.
- LACERDA, J.T. de; CALVO, M.C.M.; FREITAS, S.F.T. de. Diferenciais intra-urbanos no Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: potencial de uso para o planejamento em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, 18(5), p. 1.331-1.338, set./out. 2002.
- LEFEBVRE, H. **La révolution urbaine**. Paris: Gallimard, 1970.
- LEVER, W.F.; TUROK, I. Competitive cities: introduction to the review. **Urban Studies**, 36(5-6), p. 79-793, 1999.
- LINS, H. N. Interações, aprendizagem e desenvolvimento: ensaio sobre o turismo em Florianópolis. **Turismo – Visão e Ação**, 9(1), p. 107-120, jan./abr. 2007.
- LÜCKMAN, A. P. Vida no campo envolve 10% da população da Capital. **ANCapital**, p. 6, 30 nov. 1995.
- MALMBERG, A.; MASKELL, P. Towards an explanation of regional specialization and industry agglomeration. **European Planning Studies**, 5(1), p. 25-41, 1997.
- MATTOS, C. A. de. Transformación de las ciudades latinoamericanas: impactos de la globalización?. **EURE** (Santiago), 28(85), p. 5-10, dic. 2002.
- MENEZES, C. Brasil em dois tempos. **CartaCapital**, p. 14-19, 28 ago. 2002.
- MIRANDA, C. Mundo rural se revela na Ilha. **Diário Catarinense**, p. 42-43, 3 mar. 1996.
- MIOTO, B. T. **Movimentos migratórios em Santa Catarina no limiar do século XXI**. Florianópolis, 2008. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1968.
- NAVITA pretende ganhar mercado externo em 2004. **NetComex**, 14 jul. 2003. Obtido em: <www.netcomex.com.br/noticias/materia.asp?a=6573> Acesso: maio 2004.
- OLIVEIRA, C. A. de. Crescimento das cidades brasileiras na década de noventa. **Economia**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 431-452, set/dez 2006.
- PENA, F. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. **ALCEU**, 4(8), p. 94-105, jan./jun. 2004.

PIMENTA, L.F.; PIMENTA, M. de C.A. Final de século e novos espaços da pobreza: os morros de Florianópolis. XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Caxambu, 20 a 24 set. 2004.

QUALIDADE de vida. **Folha de S. Paulo**, 9 set. 1998.

QUIGLEY, J. M. Urban diversity and economic growth. **Journal of Economic Perspectives**, 12(2), p. 127-138, Spr. 1998.

REMY, J. **La ville: phénomène économique**. Bruxelles: Les Editions Vie Ouvrière, 1966.

ROGERS, D. Brazil's sexiest secret. **Daily Telegraph**, London, 08 Mar. 2006. Disponível em <www.telegraph.co.uk> Acesso em mar. 2006.

SCHEIBE, L.F. et al. Plano Comunitário de Urbanização e de Preservação do Maciço Central de Florianópolis. 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, Belo Horizonte, 12 a 15 set. 2004.

SILVA, A. S. A Flórida brasileira. **Veja**, p. 87-88, 4 jun. 2003.

STORPER, M.; WALKER, R. **The capitalist imperative: territory, technology, and industrial growth**. New York: Basil Blackwell, 1989.

TORRE, A.; GILLY, J-P. On the analytical dimension of proximity dynamics. **Regional Studies**, 34(2), p. 169-180, 2000.

TURN up the lights. **The Economist**, July 29th. (A Survey of Cities).

ULLMAN, E. L. The nature of cities reconsidered. In: LEAHY, W. H.; McKEE, D. L.; DEAN, R. D. (eds.). **Urban economics: theory, development and planning**. New York: The Free Press, 1970, p. 3-20.

VANIN, A. Trem aposta em imóveis de alto valor agregado. **Gazeta Mercantil Santa Catarina**, p. 4, 28 set. 2001. (Imóveis).

VOGEL, D. Ascensão, queda e a volta dos “eletrosuis”. **Veja Santa Catarina**, p. 6-9, 8 maio 1991.

WILKE, J. Compradores de fora movimentam imobiliárias. **Gazeta Mercantil Santa Catarina**, p. 4, 28 set. 2001. (Imóveis).

WINCK, A. Bolsões de pobreza preocupam no norte da Ilha. **Folha do Norte da Ilha**, 22 ago. 2008.

XAVIER, M. A informática migra para Santa Catarina. **Veja Santa Catarina**, p. 8-11, jun. 1991.